

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
2 e 11 de Abril de 2024

GRANDEUR NATURE – TAMAÑO NATURAL / 1974 (*Tamanho Natural*)

Um filme de Luis García Berlanga

Realização: Luis García Berlanga / **Argumento:** Jean-Claude Carrière, Rafael Azcona e Luis García Berlanga / **Direcção de Fotografia:** Alain Derobe / **Direcção Artística:** Alexandre Trauner / **Música:** Maurice Jarre / **Som:** Jean Duguet e Alberto Escobedo / **Montagem:** Françoise Bonnot / **Interpretação:** Michel Piccoli (Michel), Valentine Tessier (mãe), Rada Rassimov (Isabelle), Lucienne Hamon (Juliette), Michel Aumont (Henry), Queta Claver (Maria Luisa), Manuel Alexandre (José Luis), Amparo Soler Leal (directora), Cláudia Bianchi (jovem), Jenny Astruc (Janine), Jean-Claude Bercq (Jacques), Marie-France Mignal (mãe com criança), Agustin Gonzalez (guitarrista), Julieta Serrano (Nicole), etc.

Produção: Films 66 – Jet Films – Les Productions Fox Europa – Uranus Productions – Verona Produzione / **Produtores:** Christian Ferry e Alfredo Matas / **Cópia:** digital, cor, com legendagem electrónica em português, 101 minutos / **Estreia em Portugal:** Alvalade e Pathé, a 4 de Julho de 1975.

Nota: Como é indicado no pré-genérico, esta cópia restaurada inclui um breve trecho que havia sido cortado aquando da distribuição do filme. Este trecho, que surge ao cabo de cerca de 20 minutos de projecção, é apresentado sem som devido à degradação dos materiais do filme.

"O espanhol é, principalmente, um onanista."

Luis Buñuel

Para vários comentadores da obra de Luis García Berlanga, **Grandeur Nature** (ou **Tamaño Natural**, conforme se prefira o título em espanhol ou em francês desta co-produção) é um dos títulos centrais dessa obra. Quanto mais não seja, pela dificuldade em encontrar-lhe um "par" dentro do "corpus" da filmografia de Berlanga. Este, nascido em 1921, foi, com Juan Antonio Bardem uma figura capital no "novo cinema espanhol" dos anos 50, autor de alguns dos mais emblemáticos filmes desse registo e desse período, como **Bienvenido, Mr. Marshall!**, de 1953, ou **Calabuch**, de 1956. Berlanga foi também responsável por um punhado de filmes que estão entre os mais lembrados dos últimos 50 anos do cinema espanhol, como **Plácido** (1961), **El Verdugo** (1963) ou **La Escopeta Nacional** (1978), e onde se detecta sempre, em fundo, uma relação (mais directa ou menos indirecta) com a sociedade espanhola e com a sua história no século XX.

O que "destaca" **Grandeur Nature** desse contexto é a sua abstracção, o completo apagamento de referências exteriores. Não há "integração", não há "pontes", não há

nada que justifique o seu entendimento como “metáfora” seja do que for – embora esse caminho, aparentemente autorizado pela data de produção (1974, últimos meses do franquismo), tenha sido percorrido por alguns. Mas o filme, quase todo rodado em interiores, com notória excepção da primeira e, sobretudo, da última cena (a boneca deitada ao rio), em nada parece incentivar grandes extrapolações. **Grandeur Nature** cerra-se e encerra-se, progressivamente, em torno de uma única ideia: mostrar a obsessão de um homem por uma boneca em tamanho natural (“Madame Lifesize”, chamou-lhe Michel Piccoli).

O filme deu brado. Foi mal recebido – porventura o mais mal recebido de todos os filmes de Berlanga – e a censura espanhola proibiu-o até 1978. Berlanga sempre o defendeu como o seu filme “mais pessoal”. Os comentadores mais conhecedores de Berlanga (como Juan Cobos) chamam a atenção para o facto de **Grandeur Nature** ser o filme que o confirma como “o mais divertido e o mais negro” dos cineastas espanhóis. Está talvez aí a questão: em **Grandeur Nature** o “divertimento” vai-se consumindo à medida que o filme avança e se instala o “negrume”. Em parte porque Berlanga não se limita a filmar uma obsessão, e filma, ele próprio, “em obsessão”: o homem e a boneca são para ele uma obsessão tão grande como a boneca é para o homem – e veja-se como o filme se vai esvaziando de todas as outras personagens secundárias, até ficar reduzido a “esa pareja” nem por isso muito “feliz” (para citar o título da primeira longa-metragem de Berlanga). Mas sobretudo porque, se há um princípio quase burlesco na lógica de **Grandeur Nature**, o riso vai também sendo excluído: **Grandeur Nature** é um filme de “gelo”, um filme do mesmo gelo (o da boneca) contra o qual o enlouquecido Piccoli se revolta. Se quisermos manter a terminologia do burlesco, diríamos que os “gags” vão adquirindo uma concepção ritualística – passam a ser “a descrição de um ritual” – que toma conta de todo o filme. Tudo se torna vazio, estéril, “descarnado” (como a boneca), e isso é o que mais perturba: como se Berlanga também esperasse até ao fim, até ao último momento, uma reacção do corpo inanimado da boneca.

É curioso verificar que esta incursão de Berlanga pelos “fantasmas do macho espanhol” (como também se lhe referiram) tenha contado com a colaboração, no argumento, de Rafael Azcona (habitual colaborador de Marco Ferreri) e de Jean-Claude Carrière (idem, de Luis Buñuel). De certa maneira, e isso não é o menos curioso deste filme, **Grandeur Nature** pode ser visto hoje como uma espécie de “chaînon manquant” entre os universos de Ferreri e de Buñuel.

Luís Miguel Oliveira